

CLIENTE: CBH-Doce
VEÍCULO: Estado de Minas
DATA: 01 de novembro

[Leia a reportagem completa](#)

Empresa quer explorar ouro em área devastada pela tragédia de Mariana

O meio ambiente nem bem começou a se regenerar depois de dois anos do fatídico desastre em Mariana e já tem empresa prestes a conseguir licença para minerar na área

 Guilherme Paranaíba  Flávio Ribeiro - especial para o EM

postado em 30/10/2017 11:00 / atualizado em 01/11/2017 08:16




A vegetação mal começa a romper com dificuldades a capa espessa de lama que pavimentou o fundo e as margens do Rio Gualaxo do Norte, indicando uma lenta recuperação da natureza, e o fantasma da mineração já está de volta. Dois anos depois da avalanche de rejeitos, que matou 19 pessoas e levou um rastro de destruição ao longo da Bacia Hidrográfica do Rio Doce com o rompimento da Barragem do Fundão, em Mariana, na Região Central de Minas Gerais, tramita na Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Semad) um pedido de licença para nova atividade minerária que pode afetar uma das áreas mais castigadas pela maior tragédia ambiental da história do Brasil. Nem bem o meio ambiente começou seu lento caminho rumo à regeneração, da vegetação e dos rios afetados, outra empresa já tem pedido de autorização sob análise não só para minerar, mas também para desviar o curso do Gualaxo do Norte, com o objetivo de extrair ouro do rio a 8 quilômetros de Bento Rodrigues, subdistrito devastado pela lama.

Mariana, dois anos depois: veja todas as matérias da série

Documentos obtidos pelo **Estado de Minas** revelam que, entre os impactos ambientais previstos, destacam-se a possibilidade de alteração da qualidade da água do rio e a interrupção da regeneração da vegetação, especialmente das matas ciliares, que representam uma das principais proteções de um rio contra o processo de degradação. Especialistas advertem que é necessário analisar os impactos e também ressaltam o risco para o futuro, já que, historicamente, a mineração no Brasil tem o costume de deixar áreas degradadas sem o cumprimento de condicionantes ambientais acordadas. Outro problema é a incapacidade do poder público de fiscalização. A empresa responsável pelo empreendimento afirma que não haverá beneficiamento de ouro no local, o que eliminaria riscos de contaminação. O material removido do solo e subsolo será devolvido como forma de tapar as cavas de mineração que pretende abrir no local. Assim, sustenta a mineradora, não restará material exposto nem haverá barragem (veja arte na página 14).



 O Rio Gualaxo se recupera lentamente e ainda exhibe marcas da passagem da lama. Nele, a Fênix Mineração Ouro Preto Ltda. pretende fazer desvio do curso, visando extrair ouro, a 6 quilômetros de Bento Rodrigues

(foto: Paulo Filgueiras/EM/DA Press)

Os pedidos de licença prévia e licença de instalação do empreendimento, de responsabilidade da Fênix Mineração Ouro Preto Ltda., que já atua na extração de areia no município de Piranga, na Zona da Mata, foram protocolados em 31 de março deste ano, um ano e meio depois da tragédia da Samarco, mas a empresa sustenta que já vem, desde 2009, se preparando para atuar na região. Antes do pedido da licença, a empresa já conta com o aval da Prefeitura de Mariana, que assinou uma declaração de conformidade e, também, do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM). A autarquia considerou satisfatório, em junho de 2015, o Plano de Aproveitamento Econômico apresentado pela Fênix, exigindo a licença de instalação do empreendimento para garantir a portaria de lavra.